

PAINEL 4

ESTADOS UNIDOS E MÉXICO

Donaldo Schüler
(UFRGS)

1 — Horizontalidade e verticalidade

Duas tendências norteiam a cultura: uma é horizontal, a outra é vertical. Esta última prende o homem à terra, desenvolve culturas sedentárias e matriarcais, cria divindades femininas, liga à tradição. A outra rompe os vínculos telúricos, entrona deuses masculinos, leva ao nomadismo, desperta a sede por domínios mais vastos no espaço físico ou do espírito.

Na obra de Erico Verissimo, cruzam-se as duas tendências: como homem telúrico, prende-se ao Rio Grande do Sul e afunda nas suas tradições até as últimas raízes. Pontilham a descida e a ascensão os romances que compõem **O tempo e o vento**. Como homem cósmico, Erico Verissimo penetra nos problemas do continente americano em **O senhor embaixador**, persegue o confronto do Ocidente com o Oriente em **O prisioneiro** e, voltando as costas aos problemas sociais, analisa as tormentas que sacodem a psique, em **Noite**, sem se preocupar com tempo e espaço. O cruzamento da horizontalidade e da verticalidade aqui esquematizado encontra-se em proporções diversas no interior de cada uma de suas obras.

Depois de um intervalo de mais de vinte anos, retornamos ao primeiro livro de viagem do Autor, **Gato preto em campo de neve**, aparecido nos longínquos anos da Segunda Guerra (1941). Retornamos reflexivamente às páginas que em outros tempos percorremos por mera distração. Voltamos com arcabouço teórico e experiências de leitura que não possuíamos então. Percebemos que o livro, capaz de preencher horas vazias, resiste também à análise crítica — o que não é comum na literatura erudita deste experimentalista século XX.

2 — O ponto de intersecção

O Autor é arrancado da paisagem provincial por um súbito convite do Departamento de Estado dos Estados Unidos para

visitar por três meses aquele país. O embarque dá-se logo. Pouco tempo depois, Erico perambula pelas ruas de Washington, Nova Iorque, Chicago... Isto foi antes do envolvimento da potência do norte na Guerra. A tempestade ainda estruge longe. Nota-se a violência dos ventos pelos vagalhões que arrebatam na praia: alemães evadidos do regime hitlerista que lograram atravessar o mar, e refugiados dos países ocupados (Polônia, França, Holanda). Os Estados Unidos ainda atraem como lugar de férias. E é neste espírito que Erico frequenta o norte. O tufão que varre a Europa não chega a perturbar a placidez da vida americana. E o Autor se embebeda daqueles ares. Evade-se com argúcia nada provinciana de definições. Permanece atento a tudo, anota com incansável sofreguidão.

No dia do embarque, o Autor se cinde em o **eu** e o **outro**. Eu é um homem de trinta e cinco anos, que resolveu envelhecer, ficar sisudo, fazer carreira, escrever livros e publicá-los. O outro tem quinze anos menos, evoca os passeios pela praça, o outono, os garotos que prendem fogo nos pequenos montes de folhas secas, o céu calmo. Verticalidade e horizontalidade cindem-se conscientemente e se cruzam. O outro é a terra, recebe a alcunha de Malazarte, personagem folclórica, é o constante interlocutor de quem se identifica como Erico Verissimo, é a contínua presença do Rio Grande na longa viagem.

3 — Forma

A divisão da personalidade do Autor em o eu e o outro revela já no início a presença do romancista. Esta constatação é confirmada não só por uma insistente preocupação pela técnica do romance em vários episódios como também pela elaboração do livro de viagem. O livro se divide em segmentos que têm condições de existência autônoma. Vários deles se parecem a contos, outros desenvolvem-se como reportagens, são vezeiros os que manifestam a predominância do interesse anedótico, há também os que enveredam para a gravidade do ensaio erudito e não faltam os que assumem aspecto de narrativa fantástica. O segmento intitulado **O fim do mundo** passa por conto. O Autor assiste à representação do fim do mundo no Heyden Planetarium. Dialoga nos intervalos com uma moça que leva a exibição extremamente a sério. Ao fim do espetáculo, o Autor diz à interlocutora, muda de susto, que tudo acabou, que estamos todos mortos. Um homem que nas proximidades acompanhou a observação acrescenta: «O Senhor se engana. O pior é que estamos vivos. E isto é o inferno.» Sai e ponto final. O conto está completo, tem princípio, meio e fim. Não lhe faltam a concisão e o final inesperado e rápido. A última observação converte a banalidade cotidiana numa grave reflexão sobre o

sentido da vida. Entre as reportagens poder-se-ia colocar o segmento **Máscara**. O Autor discorre sobre o teatro de Nova Iorque. Há um pouco de tudo: história do teatro, o nascimento do teatro americano, a situação atual. É variado, leve e informativo. **Papel impresso** desliza para o ensaio. Depois de informar o que se imprime, o Autor passa a tecer considerações sobre o consumo apressado de literatura que não ficariam mal em cátedra universitária. A narrativa fantástica aparece em **Malazarte e o dinossauro**. Isto se passa no Museu Americano de História Natural. O dinossauro faz uma entusiástica apologia da força e da violência. Naqueles tempos o dinossauro falante só podia ser entendido como símbolo dos exércitos que devastavam a Europa. Humanitariamente Malazarte sentencia o fim dos dinossauros, afirmando a eternidade da bondade e da beleza. Tudo isto é entrecortado de anedotas inteligentes e espirituosas.

Em princípios de 40, Erico já é romancista experimentado. Isto se percebe na construção dos diálogos. Aparecem ágeis, reduzidos ao essencial, identificados com os diversos ambientes. Em várias ocasiões, pessoas são caracterizadas por apenas algumas observações breves.

A narração se desdobra rápida: em poucas horas percorre-se a vida privada e a vida pública dos habitantes; frequentam-se política, religião, teatro, cinema, diversões, bibliotecas, restaurantes, museus...; perambula-se observadoramente por ruas e praças.

4 — O humano

Há quem busque em outras paragens o pitoresco da paisagem. A Verissimo só interessam os homens. Isto é assim desde o momento em que pisa no convés do navio. O Autor acompanha as figuras anônimas que o cercam, sonda-as, advinha-lhes os sentimentos. Chegado ao destino, dá carne, osso e pele a pessoas que à distância não passam de nomes em capa de livro. Van Loon tritura ervilhas com dentes amarelos e graúdos. Gosta de **siesta** e ronca até às três horas da tarde num quarto contíguo ao gabinete atulhado de objetos que lembram o mar. A senhora Van Loon manda botar pão no prato e derramar molho em cima, porque fica delicioso, ainda que seja contra a etiqueta. Pearl Buck veste marrom com uma rosa vermelha no peito, toma chá sem açúcar, não dá ambiente nova-iorquino a romance seu, porque conhece melhor a China. David Daiches é um homem de rosto miúdo, uma mecha de cabelo cai-lhe negligentemente sobre a testa, tem os olhos entrecerrados por causa da fumaça do próprio cachimbo.

Mas o Autor não se aprofunda na análise das pessoas como o faz com as personagens dos seus romances. Embora ágil, experimentado e penetrante: é turista. Detém-se no epidérmico e envolve todos com grande ternura. Em Nova Iorque, sente-se em casa. Não lhe escapam, contudo, os dramas humanos: o desemprego, a miséria, a ânsia de encontrar o sentido das coisas em estapafúrdias manifestações religiosas. Sacia o desejo de conhecer homens no caldeirão de etnias e culturas que é Nova Iorque.

Os objetos não se desprendem do homem. As cidades são-lhe pessoas. Não sabe vê-las como pedras, árvores, veículos. Empenha-se em descobrir-lhes a alma. Sente-se acolhido ou repellido por elas. As cidades têm memória, nervos, coração, sangue. Nada menos expressivo do que os cartões postais, por reduzirem tudo a um único plano. Como as pessoas, as cidades mudam de «estado de espírito» de acordo com as horas do dia, estações, anos, condições atmosféricas.

Ao leitor de Erico Verissimo não passa despercebido que a humanização do que contorna o homem é característico também dos romances.

5 — Realidade e deformações

Há uma imagem dos Estados Unidos, criada no exterior através do cinema, da imprensa, das companhias americanas, dos turistas e da imaginação. Erico, ao pisar em solo americano, sente-se descobridor da América real. Empenha-se em recompor a imagem aquém das deformações. Nova Iorque não provoca a tontura e o abafamento esperados. A cidade tem um jeito acolhedor e organizado. Não há ruídos ensurdecedores e inúteis. Os automóveis deslizam macios. O tráfego é intenso, mas silencioso. A artéria principal da cidade, que em princípios de 1940 tinha sete milhões de habitantes, é menos barulhenta e assustadora que a Avenida Rio Branco no Rio, a Avenida São João em São Paulo ou certos trechos de Porto Alegre. A multidão de transeuntes se locomove sem pressa. Os arranha-céus não lhe dão sensação de esmagamento ou vertigem.

O desbravador desvenda também as feridas da cidade, apagadas à distância pela imagem da generalizada prosperidade. A legendária Greenwich Village de outros tempos, convergência da atividade literária e artística, apresenta um aspecto desolador. Vê paredes sem reboco, lixo pelo chão. Sujeitos mal vestidos aquecem-se ao redor duma fogueira feita com jornais e gravetos numa lata. Junto a uma garagem depara com um ébrio caído no chão. E conclui o narrador: «Nem sempre, Malazarte, a gente pode ajudar a realidade» (p. 224).

O observador é atraído também por aquilo que a seus olhos de brasileiro se afigura estranho. A polícia tem cavalos treinados em dispersar aglomerações sem ferir ninguém; quando envelhecem, vão passar o resto de seus dias num belo campo, com liberdade, sol e bom pasto, como reconhecimento pelos serviços prestados. Há restaurantes sem garçons em que o freguês se serve à vontade, vai à caixa e diz quanto montou sua despesa: chamam-se «restaurantes da consciência». Os empregados, quando se julgam prejudicados pelos patrões, vão à rua e pedem aos transeuntes que boicotem a «firma injusta». Nestas condições, a polícia garante os direitos e a integridade física de todos: dos patrões, dos empregados e dos fregueses.

6 — Distração e reflexão

O Autor deseja a viagem como fuga da realidade. Espera poder entrar por alguns dias na vida fútil e superficial do navio; fugir da miséria, do ódio, do sofrimento, das carnes e almas dilaceradas: não procurar a razão das coisas. Preserva esta atitude em muitos encontros nos Estados Unidos. Solicitado a manifestar-se sobre a política brasileira, evade-se com uma pilhéria. Mantém uma descomprometida indiferença diante de problemas angustiantes. Um tom de leveza turística passa o livro. Contudo, a fuga da realidade não se realiza por inteiro. Não consegue lançar no mar o fardo da memória. A memória é Malazarte, e o Autor leva Malazarte consigo. A cruza da guerra invade o navio com o drama de Olenka, uma polonesa que experimentou a invasão. Assegura que, se Erico tivesse visto o que ela viu, nunca mais escreveria romances, porque havia de ver como a ficção é pobre e ridiculamente inexpressiva diante da realidade. Tomado, certa ocasião, por gerente de um **night-club**, reflete que é bem melancólico a gente viajar milhares de milhas para no fim de contas descobrir que tem cara de gerente de cabaré. E o livro conclui com um «Diálogo sobre os Estados Unidos», travado entre o Autor e um Leitor imaginário. O diálogo é uma longa reflexão sobre a experiência vivida. Demanda a abstração. O Autor busca fundamentar as experiências particulares em princípios gerais. Toma distância para compreender o que viu.

7 — A natureza do livro de viagem

O livro de viagem ocupa um lugar intermediário entre o documento histórico, sociológico, geográfico e a ficção. Ao leitor de livros de viagem não interessam só os fatos. Seduzem-no também as reações do narrador diante da substância narrada, a seleção, a maneira como as unidades se coordenam. O leitor participa das sensações do narrador e exige que faça de-

le um companheiro de viagem. O leitor de livros de viagem não deseja apenas ser informado, espera também ser levado a comparar, julgar, sentir e refletir. Tudo isto **Gato preto em campo de neve** oferece. Se buscamos um ancestral remoto para os livros de viagem, havemos de encontrá-lo nas **Histórias de Heródoto**, um grego que viveu no V séc. a. C. Não surpreenda esta aproximação Heródoto sente fascínio pelo estranho, mantém desperta a curiosidade turística, seus relatos são entremeados de contos saborosos, ditos agudos, profundas reflexões sobre a realidade das coisas, retratos inesquecíveis. Se o «pai da história» não oferece uma metodologia de investigação histórica que deva ser imitada, tem a seu serviço intuições que desvendam aspectos negados ao rigor da pesquisa científica. No caminho esquivo aberto no limite da fantasia com a realidade, também trilhado por Heródoto, Erico Verissimo deixa uma obra que não deve ser soterrada pelo volume de sua criação romanesca.

8 — Em busca de magia

México nos devolve aos Estados Unidos em situação bem diversa. Não estamos mais em véspera de guerra e o poder já não é exercido pela Alemanha de Hitler. Meados de 50, mostra um período de prosperidade e paz sob a sólida hegemonia dos Estados Unidos, interessados em manter boas relações com os latino-americanos. Erico não está lá como turista, ele mora em Washington a serviço da OEA. Ama a capital ordeira, pontual, simétrica.

Não obstante os seus aplausos, a cidade o aborrece. No tempo em que lá reside não consegue escrever uma linha sequer, o que é uma calamidade para a sua carreira de escritor. Percebe que sua atividade romanesca é produto de irritação, inibida pelo mundo lógico que o cerca. Cansado do espaço racionalmente organizado, vem-lhe o desejo do outro mundo, em que imperam a magia, a desordem e onde o relógio não é mais que um objeto decorativo. Poesia para ele é isso. Tinha-a no Brasil. Mas, como o Brasil está tão longe, os seus anseios o levam a sonhar com o México.

Criadas estão as oposições com as quais se ocupará teoricamente. A América quebra-se em dois mundos. Os Estados Unidos ficaram com a razão, a América Latina como um todo preferiu a magia. Como o romancista oscila entre a razão e a magia, não se conforma com nenhum dos fragmentos nos quais o todo se partiu. O ideal seria a síntese. Já que esta, no momento, é inalcançável, sente-se atraído e repellido pelos pólos em conflito.

Esboçam-se as características deste novo livro de viagem. Não se espere uma imagem objetiva do México — ela é possível? — de um ficcionista que procura no México estímulos para a criação literária. Com estes objetivos, teremos um México literariamente recriado. Isto não significa que será uma visão menos verdadeira. Em muitos aspectos a ficção é mais verdadeira do que a História por captar o que escapa à observação intencionalmente objetiva. A personalidade do observado, os seus sonhos, os motivos secretos rendem-se apenas ao poeta. Incluamos o ficcionista nesta categoria.

Erico não se avizinha, porém, apenas afetivamente do país. Sendo a segunda vez que o visita, sabe o que busca. Leu e conversou com especialistas de assuntos mexicanos. Além dos literatos, frequentou historiadores e analistas da arte. Muitos textos interpõem-se entre o objeto e o observador. Erico não rejeita vias que o levem a compreender a realidade complexa e desafiante, preocupado a conciliar poesia e rigor científico, magia e razão.

Recebemos um México visto por um brasileiro, ficcionista e bem documentado, que reside nos Estados Unidos. E através de seus olhos, na viagem ferroviária Norte-Sul, reconhecemos o Brasil na paisagem mexicana. As casas, a seca, a miséria, os folguedos ruidosos, a preguiça, a sujeira, as moscas, o desleixo — tudo é Brasil. Erico encontra o que quis encontrar, enxerga o que quis enxergar. Não lamenta nem a diminuição dos aparelhos, abundantes nos Estados Unidos. Observa que os latinos fazem com o corpo o que os americanos realizam com a máquina. Eles são mais eficientes, mas nós nos divertimos mais.

9 — O nascimento da América Latina

Nas observações de Erico, percebe-se o interesse de construir uma personalidade continental para situar-se e compreender-se dentro dela.

Além da preocupação com o caráter continental, observamos o trabalho de alcançar a identidade nacional dos diferentes países da América Latina. Deparamos assim com tentativas de determinar a mexicanidade, a argentinidade e a brasilidade. Até mesmo regiões dentro das unidades políticas, como o Rio Grande do Sul, cuidam em cultivar e acentuar suas peculiaridades. Desenvolve-se, dessa maneira, a gauchidade no estado meridional do Brasil.

Cabe agora a pergunta: o caráter nacional ou regional efetivamente existe? Não se pode eliminar o ingrediente ideológico

co da questão, de conseqüências desastrosas em muitos momentos, quando em nome do próprio se rejelta e destrói o alheio. Sentimo-lo dolorosamente na expansão nazista. Para nosso pesar, o orgulho nacional, que ensangüentou o Globo na metade do século, não se isola em fenômeno peculiar. A Europa que emerge tecnicamente bem aparelhada na Renascença aniquila tudo o que não se conforma com ela, ofereça resistência armada ou não. Os povos primitivos da América morreram aos milhões — em poucos anos. A predatória civilização europeia, ao se instalar agressivamente nos Estados Unidos, levou os povos que optaram por diverso estilo de vida a refletir sobre a sua própria identidade. O conceito América Latina nasce do choque dos povos do Sul com a potência do Norte.

Para Pierre Rivas, a América Latina desponta como unidade cultural precisamente no México. Preocupado com a expansão anglo-americana que mutila profundamente esse país, arrebatando-lhe dois terços do território, Napoleão III da França resolve intervir. Mas para tanto necessita de um motivo. Dá à latinidade, de acepção puramente lingüística até então, sentido cultural e se arvora em defensor dela. Instaura em nome da latinidade o governo do imperador Maximiliano no México com o propósito de enfrentar os Estados Unidos e de recuperar eventualmente o território perdido. Isto ocorreu na segunda metade do século passado. A América Latina tem, portanto, como unidade cultural, uma dolorosa data de nascimento. Nasce humilhada e ferida precisamente no México, tão longe de Deus e tão próximo dos Estados Unidos, nas palavras queixosas de um de seus presidentes. Erico Verissimo destaca devidamente esse momento, recuperando-o nas palavras de um interlocutor abalizado, José Vasconcelos.

A América Latina guarda até hoje a consciência da ferida original. Para reconciliar-se consigo mesma, orgulha-se daquilo que a diferencia. A lógica da dominação reage com a liberdade da magia, ao avanço tecnológico responde com a cultura do espírito, à racionalização opõe a sensualidade. Erico reforça esta última qualidade, erotizando a própria paisagem, reiteradamente analisada com noções adquiridas da psicanálise de Freud.

10 — Fatalismo e passividade

Preocupado em compreender a evolução dos traços caracteriológicos, rememora o massacre da conquista. Como entender que o conquistador Hernán Cortéz com apenas quatrocentos soldados consiga derrotar um império com mais de dois milhões de habitantes? O conquistador, misturando motivos pie-

dos e pacíficos, com lances audazes, refinada estratégia, traição e intimidação chega ao coração do império asteca. Conquista na passagem a adesão de povos revoltados contra o juízo que Montezuma lhes impõe e recebe deles reforços valiosos na marcha da «libertação». Para penetrar nos segredos da política indígena serve-se de uma escrava, que recebeu como dádiva, Malinali, batizada com o nome cristão de Marina, **La Malinche**. Tomando-a como amante, Cortéz recebe no leito as informações de que necessita para os seus planos de conquista. Octávio Paz considera os mexicanos filhos de Cortéz e da Malinche, a mulher aviltada, usada e abandonada. Devem a esta origem, segundo ele, parte de sua complexa personalidade.

Montezuma comete erros na defesa do território por desconhecer a fome insaciável dos navegadores adventícios. Pensando em conquistar-lhes a amizade com presentes fabulosos de prata e ouro, aviva ainda mais o desejo de conquista.

Cortéz, para atingir seus objetivos, recorre aos atos mais execráveis. Para desestimular uma revolta entre os tlaxcaltecas, seus aliados, manda cortar as mãos de cinquenta indígenas, prometendo a mesma sorte a todos que ousassem desafiá-lo.

Cholula, a cidade sagrada dos astecas, o recebe com amizade. Basta o boato de revolta para reunir nobres e chefes num pátio e, traindo-lhes a confiança, lança os soldados contra eles, matando a golpes de espada três mil homens indefesos em poucas horas. Estranha que anos depois um padre ainda descubra vantagens para os índios no banho de sangue. Teriam visto na impotência dos seus a falsidade dos ídolos.

Notável é a audiência que o imperador Montezuma concede a Cortéz. Baseado em antigas crenças, o imperador se entrega como súdito ao conquistador a quem declara senhor natural. Desfaz quaisquer boatos de poder sobrenatural mostrando o seu corpo de carne e osso. Recebe o espanhol como enviado de Deus.

A Cortéz não satisfaz a condição de hóspede. Sabendo que soldados seus foram assassinados por gente de Montezuma, acusa o imperador de traição e o prende no seu próprio palácio. Dias depois, o submisso Montezuma é morto pelos seus súditos rebelados. Os rebeldes obrigam Cortéz a retirar-se com pesadas baixas. Cortéz se reorganiza e com a ajuda dos aliados arrasa a cidade não deixando pedra sobre pedra.

Os mexicanos, identificando-se com os vencidos, não erigiram monumento algum a Cortéz. México é uma nação agre-

dida desde o princípio. A passividade diante do exército americano repete o erro das origens. Quando Cortéz desembarcou em Vera Cruz, Montezuma estava convencido de que o conquistador era a mais recente encarnação de Quetzalcoalt, divindade prometeica, cujo retorno se aguardava para inaugurar nova era. Estaria aí a explicação para a rapidez da conquista espanhola? Quando os astecas se deram conta do engano, a morte de sua cultura estava assegurada.

11 — Categorias de tempo e de espaço

Como entender a despreocupação mexicana com a pontualidade, tão rigorosa nos Estados Unidos? Erico a insere no quadro geral da estranha intemporalidade em que o ontem, o hoje, o amanhã parecem misturar-se e a aproxima de um quadro de Salvador Dali onde relógios se derretem, para mostrar a dissolução do tempo. Erico vê nisso herança asteca, buscando apoio em Lévy-Bruhl, para quem o conceito de tempo não existe na mentalidade primitiva.

Ora, essa observação derruba o sistema kantiano que declara subjetivas e universais as categorias de espaço e tempo. Se a observação do etnólogo está correta não passa de ocidental o que etnocentricamente Kant declara universal.

Os mexicanos teriam optado pela intemporalidade para se distanciar do Ocidente? Teríamos de localizar, assim, a pontualidade no Ocidente e a dissolução temporal no Oriente. Oriente e Ocidente não seriam nesse caso apenas conceitos geográficos, mas também culturais e o Oriente começaria no México, como já tinha observado Viana Moog.

O próprio romancista adota a intemporalidade no processo narrativo. Já na viagem sente-se «como uma personagem de Kafka num trem fantasma que erra sem rota fora do tempo e do espaço». O escritor salta com toda naturalidade do presente ao passado. Num passe de mágica somos levados da moderna cidade do México ao mercado da capital asteca, numa justaposição de estratos temporais que o obrigam a colocar no presente a cultura destruída. De repente freqüentamos o mercado asteca como se fosse agora. O narrador aproxima personagens históricas de diferentes épocas com a mesma facilidade. Chega a debruçar-se do futuro sobre o passado para dar conselhos ao imperador Maximiliano.

O narrador não mistura apenas o tempo, mas também o espaço. No México confluem culturas distantes como a européia e a indígena, a africana e a asiática.

Erico envolve o México numa atmosfera surrealista, legitimando na América Latina a corrente estética européia. Isso se compreende, lembrados que foi a validação de culturas não européias que levou os movimentos de vanguarda do princípio do século a romper com normas cultivadas desde a Renascença. Não podemos deixar de recordar os saltos de Macunaíma no tempo e no espaço feitos com a insolência da mesma infração.

12 — Violência

Erico busca as origens da violência que assola o México ao longo da história nos sacrifícios rituais em que o indivíduo nunca sabia em que hora lhe arrancariam o coração para apresentá-lo palpitante à divindade. A violência contra a vida se prolonga nas revoluções, na agressão externa, nos terremotos e se expressa nas artes. Os Cristos esfolados, vergastados e ensangüentados da escultura mexicana contrastam com os Cristos serenos, limpos e esportivos das Igrejas americanas. O sangue dos fuzilados flui nos afrescos de Orozco. Erico percebe o sentimento de culpa a envolver a Cidade do México edificada sobre uma cidade assassinada, Tenochtitlán, a capital do império asteca. Sente a violência até nos pratos fortemente condimentados.

O protesto contra a violência aparece no barroco mexicano. Os artesãos nativos, sob o controle complacente dos padres, povoam com santos, anjos e Cristos indiáticos os afrescos das igrejas. Com a força da imaginação principiam a indianização do catolicismo.

A recusa à violência afeta o comportamento mexicano de maneiras opostas. O índio não exterminado pela Conquista, desadaptado no mundo criado pelo invasor, anda em procura do ventre materno, a terra. Erico sente este apelo telúrico também na postura fetal do homem agachado.

À agressão americana, mutiladora, o México reage com a xenofobia e o machismo dirigido contra estrangeiros e compatriotas.

O complexo de Édipo deverá explicar o ódio dos mexicanos aos espanhóis. Porque o conquistador espanhol violentou, maltratou e ensangüentou a terra mexicana, o mexicano tomou o partido da mãe, terra agredida.

A violência é também recusada pelos processos narrativos do narrador disposto a não submeter o observado a padrões preestabelecidos. O seu espírito liberal acolhe e valoriza tudo. Tendo assumido posição contra a Conquista e seus

reflexos, não silencia a voz que a justifica. Em conversa atenta e demorada com José Vasconcelos, acompanha a apologia convicta das armas ibéricas e os métodos da catequese. A narrativa parte-se em duas vozes, acolhendo com equidade argumentos opostos. Como ser fiel ao México sem registrar a divergência das interpretações?

13 — Ser e fazer

Erico resume a oposição México — Estados Unidos a estes dois verbos: ser e fazer: O ser define os mexicanos, povo da paixão, que sente vivamente a presença do corpo, no sofrimento e no gozo. Os americanos, povo de ação, ao valorizarem o fazer, atribuem maior importância aos instrumentos do que ao próprio corpo. Não escapa ao ficcionista o perigo dessa oposição. A civilização do fazer, com o avanço técnico, não tirará aos que simplesmente são a própria possibilidade do ser?

Erico não sabe decidir-se entre o México e os Estados Unidos, a magia e a logicidade. Já que estes dois pólos o atraem, deseja para o Brasil a síntese de ambos.

México foi escrito em meados de 50 no princípio da era de Juscelino, que com o impulso dado à industrialização, a construção de modernas rodovias e a transferência da capital federal mudou a paisagem do país. Saimos da magia e entramos na logicidade. É de se perguntar se já não desequilibramos, passados trinta anos, a relação magia-logicidade, privilegiando esta última. Sacrificada a magia com a presença do capital externo e o avanço da tecnologia, começamos a nos sentir estranhos na nossa própria terra.